

ASPECTOS DE COMPORTAMENTO SOCIOLINGÜÍSTICO ENTRE AS TRÊS CAPITAIS DA REGIÃO SUL: ESPECIFICIDADES E GENERALIZAÇÕES

ASPECTS OF SOCIOLINGUISTIC BEHAVIOR IN THE THREE CAPITAL CITIES OF THE SOUTH REGION OF BRAZIL: SPECIFICITIES AND GENERALIZATIONS

Edair Maria Görski
Universidade Federal de Santa Catarina

Izete Lehmkuhl Coelho
Universidade Federal de Santa Catarina/CNPq

RESUMO

O propósito deste trabalho é discutir aspectos de comportamento sociolinguístico das três capitais da Região Sul (Curitiba, Porto Alegre e Florianópolis), buscando evidenciar especificidades e generalizações linguísticas. Examinamos em que medida efeitos de contexto que se mostram condicionadores de fenômenos como monotongação de ditongos decrescentes, alternância de pronomes de segunda pessoa do singular e variação na ordem do sujeito atuam em uma mesma direção (ou em direções opostas) nas diferentes capitais, e que fatores seriam responsáveis pelas especificidades e generalizações no comportamento linguístico da Região Sul.

Palavras-chave: especificidades; generalizações; Região Sul.

ABSTRACT

This work aims to discuss some aspects of sociolinguistic behavior in the three capital cities of the states of the South Region of Brazil (Curitiba, Porto Alegre and Florianópolis), in order to highlight linguistic specificities and generalizations. We examine to what extent contextual effects that regulate some phenomena such as monophthongization of descending diphthongs, alternation of second person singular pronouns and variation in subject order operate in the same direction (or in opposing directions) in those three cities. We also investigate what factors might be responsible for the specificities and generalizations in the linguistic behavior of Southern Brazil.

Keywords: generalizations; specificities; South Region.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como propósito discutir aspectos de comportamento sociolinguístico da Região Sul, notadamente entre as três capitais – Curitiba, Porto Alegre e Florianópolis –, com foco em diferenças e semelhanças, buscando evidenciar especificidades e generalizações linguísticas.¹ Para levar a cabo esse objetivo, examinamos alguns resultados de trabalhos descritivos de variação fonológica, morfossintática e sintática: a monotongação de ditongos decrescentes, a alternância de pronomes de segunda pessoa do singular (*tu/você; teu/seu*) e a variação na ordem do sujeito: sujeito-verbo (SV) / verbo-sujeito (VS), respectivamente, realizados a partir de amostras de fala da Região Sul (dados do Projeto VARSUL).² Averiguamos (i) em que medida efeitos de contexto que se mostram condicionadores dos fenômenos descritos atuam na mesma direção nas diferentes capitais; e (ii) caso haja diferenças, que fatores seriam responsáveis pelas especificidades no comportamento linguístico da Região Sul.

Do ponto de vista metodológico, gostaríamos de salientar a importância não só de buscar descrever padrões gerais de variação sociolinguística, mas também de procurar identificar se esses padrões gerais se mantêm idênticos nos subgrupos que compõem a região mais ampla. Em outras palavras: ao se analisar amostras robustas que abrangem um escopo geográfico amplo (por exemplo, Região Sul), é importante averiguar se os resultados gerais seguem a mesma direção em cada subamostra analisada (por exemplo, as capitais). Esse procedimento metodológico fornece ao pesquisador resultados mais apurados acerca das variáveis linguísticas em estudo, autorizando-o, ou não, a fazer generalizações de âmbito regional.

Feita essa breve introdução, passamos à organização do trabalho. Na primeira seção, será apresentada uma breve discussão teórica sobre comunidade de fala, com base em Guy (2000; 2001), seguida das questões e hipóteses que conduzirão este estudo. Resultados comparativos para as três capitais em relação às variáveis linguísticas escolhidas para controle serão mostrados na segunda seção, acompanhados de reflexões sobre o

¹ Este trabalho retoma, sob outra perspectiva, parte da discussão de Görski na mesa-redonda “Os estudos de variação: balanço crítico e panorama atual”, no 59º Seminário do GEL, Bauru/SP, julho de 2011 – texto a ser publicado na *Revista Estudos Linguísticos*, nº 41. Agradecemos a leitura atenta e as sugestões feitas por Christiane Maria Nunes de Souza e pelos editores da Revista.

² Informações sobre o Projeto VARSUL podem ser obtidas no site: <http://www.varsul.org.br/>.

comportamento sociolinguístico dos fenômenos analisados. Por fim, na terceira seção, sistematizaremos os resultados da discussão aqui proposta.

1. Ponto de partida

Para abrir a discussão sobre o comportamento sociolinguístico no que se refere a efeitos de contexto e da frequência de uso de fenômenos variáveis na Região Sul, partimos das reflexões de Guy (2000; 2001) sobre comunidade de fala, a qual fornece “uma base fundamentada para explicar a distribuição social de semelhanças e diferenças linguísticas” (GUY, 2000, p. 18). Essa base, vista como um modelo explicativo, deve apresentar (i) características linguísticas compartilhadas; (ii) densidade de comunicação interna relativamente alta; e (iii) normas compartilhadas.

O compartilhamento de características linguísticas em uma comunidade de fala, segundo o autor, inclui as restrições de processos de variação. Semelhanças e diferenças linguísticas podem ser observadas nos efeitos de contexto (expressos em percentuais e, principalmente, em pesos relativos) de variáveis independentes sobre o fenômeno em variação. Quando as variáveis apresentam efeitos diferentes, particulares, entre duas ou mais localidades, mostram em geral coerência entre um grupo de falantes. As restrições compartilhadas identificam, contrastivamente, os membros de uma comunidade de fala e de outra.

Para o autor, o que explica os traços linguísticos compartilhados são as outras duas características definidoras de comunidade de fala: a alta densidade de comunicação e as normas compartilhadas. No primeiro caso, os falantes têm mais acesso e exposição aos usos linguísticos de outros membros do grupo: “fala-se como as pessoas COM as quais se fala” (2000, p. 20). No segundo caso, os membros de uma comunidade compartilham normas e atitudes sobre o uso da língua, como por exemplo, normas sobre o que seria mais ou menos apropriado a contextos formais ou a contextos informais.

Além dos efeitos particulares, muitas restrições apresentam efeitos bem gerais, ou mesmo universais. A título de ilustração, o autor considera o padrão silábico das línguas neolatinas. Sabe-se que esse padrão é preferencialmente marcado por sequências CV a sequências CC, o que implica dizer que o apagamento de determinada consoante de final de palavra

é favorecido quando for seguido por consoante e não favorecido quando for seguido por vogal, de modo a manter o padrão silábico. Essa generalização é atestada no português, em trabalhos que tratam do apagamento do /r/ pós-vocálico (cf. MONARETTO, 2000), por exemplo. Como essa restrição seria devida a universais estruturais, não deveriam existir diferenças entre as comunidades de fala no que se refere a esse fenômeno específico.

Guy (2001) propõe que os limites entre uma comunidade de fala e outra devem ser vistos em termos de diferenças gramaticais e não, simplesmente, em termos de diferenças na frequência de uso de determinada variável. Nesse sentido, é possível distinguir entre: 1) diferenças de frequência em diferentes comunidades de fala, sendo que o efeito de contexto permanece semelhante; e 2) diferenças em termos do efeito de contexto entre as comunidades, o que determinaria diferenças estruturais ao invés de diferenças simplesmente quantitativas (o que apontaria para diferentes gramáticas).

Considerando as particularidades e as generalizações advindas dos resultados estatísticos, daria para supor, segundo Guy, que umas comunidades de fala estariam mais encaixadas ou interligadas que outras e que muitas outras estariam sobrepostas ou cruzadas.

Não obstante a dificuldade em se operacionalizar o conceito de comunidade de fala, a proposta de Guy, acima descrita, parece adequada para guiar o nosso olhar sobre os resultados das pesquisas expostos e discutidos na seção seguinte, embora o foco de nosso interesse não recaia exatamente sobre a noção de comunidade de fala, e sim sobre padrões sociolinguísticos convergentes ou diferenciados na Região Sul do Brasil. Serão examinados alguns efeitos de condicionadores internos sobre três fenômenos variáveis, em diferentes níveis gramaticais, do português falado na Região: 1) monotongação de ditongos decrescentes – com base em resultados de Cabreira (2000), Brescancini (2009) e Haupt (2011); 2) alternância de pronomes de segunda pessoa do singular (*tu/você; teu/sen*) – a partir de resultados de Loregian (1996) e Loregian-Penkal (2004) para *tu/você*, e de Menon (1996) e Arduin (2005) para *teu/sen*; e 3) variação na ordem do sujeito (SV/VS) – considerando resultados de trabalhos de Coelho (2000), Zilles (2000) e Berlinck (1988), os quais analisam a fala das localidades de Florianópolis, Porto Alegre e Curitiba, respectivamente. Vale ressaltar que

todos esses trabalhos se apoiam nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística laboviana ou quantitativa (Cf. WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968] e LABOV, 2008 [1972]) e utilizam o pacote VARBRUL na análise estatística.

Procuraremos orientar a discussão à luz das seguintes questões e hipóteses:

- (i) A Região Sul do Brasil, representada pelas capitais (Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre), compartilha um mesmo padrão sociolinguístico no que tange a cada um dos fenômenos linguísticos averiguados neste estudo?
- (ii) No caso de haver diferenças, como se explicariam as especificidades?

Com relação à questão (i), nossa expectativa é de que efeitos de contexto mostrarão mais diferenças do que similaridades entre as três localidades, no que se refere aos fenômenos linguísticos investigados, e que as generalizações estão atreladas principalmente à natureza do fenômeno: quanto mais fonético-fonológico o fenômeno variável, mais particularidades serão encontradas; quanto mais sintático, mais generalizações serão licenciadas. No que se refere à questão (ii), as especificidades devem estar atreladas a aspectos regionais e culturais concernentes à identidade.

2 Resultados comparativos entre as três capitais

Consideramos, nesta seção, alguns resultados estatísticos sobre o efeito de variáveis internas e externas em cada um dos fenômenos observados, buscando semelhanças e diferenças, particularidades e generalizações.

2.1 A monotongação de ditongos decrescentes

Para discutir esse fenômeno, tomamos como base o trabalho de Cabreira (2000) acerca da monotongação dos ditongos orais decrescentes [ay], [ey] e [ow] na Região Sul, em que foram analisados 12 informantes por capital. Adicionalmente, comentamos os trabalhos de Brescancini

(2009) e de Haupt (2011), realizados com amostra de Florianópolis/SC. Cabreira, num exame preliminar dos dados, constata que: (i) o ditongo [ay] só é monotongado diante de fricativa palato-alvelolar (como em *caixa*); (ii) o ditongo [ey], apenas antes de fricativa palato-alveolar e de *flap* (como em *peixe* e *dinheiro*); e (iii) o ditongo [ow] não apresenta restrição contextual linguística. Assim sendo, o autor realiza três análises, de acordo com os contextos linguísticos apontados acima para cada ditongo. Como a variável geográfica só foi estatisticamente significativa para os dois primeiros ditongos, deixamos de detalhar os resultados para [ow], nos centrando nos ditongos [ay] e [ey].³ A tabela 1 exibe os resultados percentuais e em pesos relativos para a variável geográfica em relação aos dois contextos específicos analisados pelo autor.

TABELA 1: Monotongação dos ditongos [ay] e [ey] nas três capitais da Região Sul (Adaptada de CABREIRA, 2000, p. 147-148.)

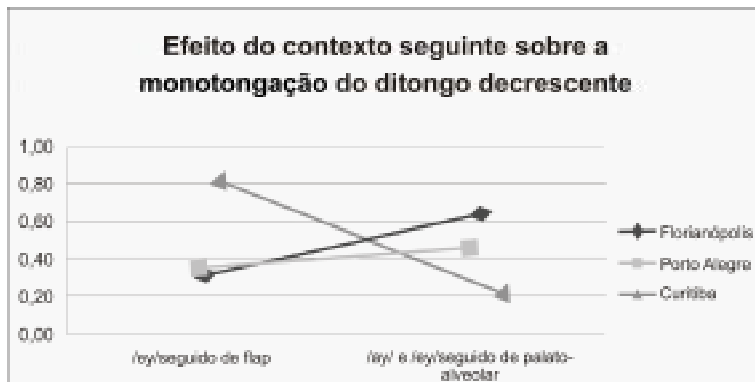
Localidades	Contextos linguísticos			
	[ey] + <i>flap</i> (<i>dinheiro</i>)		[ey] e [ay] + fricativa palato-alveolar (<i>beijo, caixa</i>)	
	Percentual	PR	Percentual	PR
Florianópolis/SC	96%	0,32	48%	0,62
Porto Alegre/RS	99%	0,35	98%	0,46
Curitiba/PR	97%	0,79	94%	0,22
Região Sul	98%		66%	

Focalizando os pesos relativos, observamos que Porto Alegre apresenta o comportamento mais aproximado em relação aos dois contextos linguísticos, com PR oscilando entre 0,35 e 0,46, abaixo do ponto neutro. Já Curitiba e Florianópolis apresentam uma distribuição quase complementar: enquanto na capital catarinense a monotongação é privilegiada nos ditongos [ey] e [ay] seguidos de fricativa palato-alveolar (0,62), sendo desfavorecida no ditongo [ey] seguido de *flap* (0,32), na capital paranaense a redução tende a ocorrer mais no ditongo [ey] seguido de *flap* (0,79), sendo inibida diante de fricativa (0,22).

³ Segundo Cabreira (2000), a monotongação de [ow] é a mais generalizada entre as cidades da Região Sul (com 96% de redução), e a mais avançada em todos os contextos linguísticos. A monotongação total de [ey] é de 32% e de [ay] é de apenas 4%.

Observemos agora os resultados dos pesos relativos no gráfico 1 para uma melhor visualização.

GRÁFICO 1: resultados estatísticos (PR) da monotongação de ditongos decrescentes, de acordo com o contexto linguístico seguinte, em amostras de fala da Região Sul (Adaptado de CABREIRA, 2000, p. 147-148.)



O que podem apontar os resultados polarizados em relação aos diferentes contextos dos ditongos? Retomamos essa questão adiante.

No quadro 1, podemos comparar os grupos de fatores que foram selecionados pelo programa computacional VARBRUL como estatisticamente relevantes para ambas as variáveis contextualmente delimitadas.

QUADRO 1: grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos estatisticamente significativos para a monotongação dos ditongos [ey] e [ay] na Região Sul (Organizado com base em CABREIRA, 2000, p. 147-148.)

Fenômenos variáveis	Condicionadores significativos
(i) Monotongação de [ey] e [ay] seguidos por fricativa palato-alveolar (<i>beijo, caixa</i>)	Natureza morfológica: radical: <i>feijão, paixão</i> (e não o sufixo: <i>móveis, vai</i>) Sexo: feminino Escolaridade: primário Localidade: <i>Florianópolis</i>
(ii) Monotongação de [ey] seguido por flap (<i>dinheiro</i>)	Natureza morfológica: radical: <i>feira</i> (e não o sufixo: <i>financeiro</i>) Sexo: feminino Escolaridade: primário Localidade: <i>Curitiba</i>

Como podemos perceber, os fatores condicionadores atuam na mesma direção em ambos os contextos tomados como duas variáveis, à exceção do fator ‘localidade’. É nesse fator que nos detemos a seguir, focalizando especialmente o contexto ‘ditongo seguido de fricativa palato-alveolar’ em Florianópolis. Trazemos à discussão, brevemente, resultados de trabalhos realizados com dados da capital catarinense, que podem auxiliar no entendimento do fenômeno em questão. Antes, porém, convém salientar que a monotongação, nos dados analisados por Cabreira, parece não ocorrer em sílabas fechadas por consoante (como em *seis* e *mais*).

Em um estudo de Brescancini (2009) sobre a redução de ditongos decrescentes seguidos por fricativa em coda (contexto de sílaba fechada) em Florianópolis, a autora examinou uma amostra estendida do VARSUL, inserindo também informantes de dois distritos não urbanos – Ribeirão da Ilha e Barra da Lagoa, comunidades pesqueiras da Ilha –, considerando o fato de que o português falado em Florianópolis é reconhecidamente influenciado pela colonização açoriana e, em menor escala, madeirense, iniciada no século XVIII. A autora verificou que, das 875 ocorrências com ditongo decrescente levantadas, apenas 10 casos de redução se deram em contexto de coda alveolar ([sejs] ~ [ses]), enquanto 224 ocorreram em contexto de coda palato-alveolar ([sejS] ~ [seS]), com predomínio do item *mais* na amostra (426 ocorrências = 49% dos dados).

Brescancini (2009) constata que (i) a redução é um processo condicionado lexicalmente, mas que ainda apresenta resíduos de condicionamento estrutural, principalmente da flexão verbal (*vais* ~ *vá*); (ii) na perspectiva da comunidade, trata-se de uma regra variável de aplicação relativamente baixa (27% de monotongação diante de fricativa); na perspectiva do indivíduo, porém, há uma situação de polarização entre os diferentes distritos – zona urbana de Florianópolis com maior variação intra-individual e Barra da Lagoa com menor variação intra-individual (o que, segunda autora, pode ser justificado como uma herança da colonização, mantida nos distritos mais distantes do centro urbano); (iii) a redução do ditongo decrescente diante de coda fricativa palato-alveolar perde força entre os mais jovens, principalmente os do sexo masculino; (iv) há, em Florianópolis, uma relação entre o fenômeno de redução de ditongo decrescente e o fenômeno de palatalização de /S/ em coda, o que se confirma pela preferência das mulheres à aplicação de ambas as regras.

Outro resultado que gostaríamos de mencionar é o de Haupt (2011), que analisou, nas entrevistas de Florianópolis, todos os ditongos decrescentes com a semivogal [y]. Vamos nos ater aos ditongos [ey] e [ay], para os quais a autora encontrou, respectivamente, 43,3% e 25% de monotongação. A autora conduz sua análise separando os dados conforme o tipo de sílaba: aberta (como em *peixe* e *caixa*) e fechada (como em *seis* e *mais*). Nas ocorrências de monotongação, a análise de Haupt mostra, para o ditongo [ey], 44% de monotongação em sílabas abertas e 38% em sílabas fechadas; e para o ditongo [ay], apenas 11% de monotongação em sílabas abertas contra 41% de monotongação em sílabas fechadas. A autora salienta que esse resultado corrobora os obtidos por Brescancini (2009) para sílabas fechadas por fricativa, mas contraria o resultado encontrado por Cabreira (1996), “que afirma que a monotongação não ocorre nesse tipo de sílaba [fechada] por se tratar de um ditongo verdadeiro” (HAUPT, 2011, p. 107).⁴ Haupt verifica que os contextos em que há mais monotongação são aqueles em que há mais tendência de palatalização, ratificando uma das constatações de Brescancini (2009).

Isso posto, o que podemos dizer acerca da monotongação dos ditongos [ey] e [ay] na Região Sul? Existem padrões de variação sociolinguística compartilhados entre os falantes dessa Região? Considerando os resultados da tabela 1 e do quadro 1, Cabreira (2000, p. 152) registra apenas que esses processos “devem estar ainda em andamento, em fases diferentes nas três cidades”, de forma distinta da monotongação de [ow], que se encontra em fase mais avançada, tendo já atingido um ponto de equilíbrio nas capitais. O autor não menciona, em seu trabalho aqui referido, se foram realizadas rodadas estatísticas específicas por capital, o que seria necessário para se poder avaliar se existem ou não padrões semelhantes nas comunidades, visto que a variável geográfica se mostrou significativa para a monotongação de [ey] e [ay] nos diferentes contextos, na rodada geral da Região Sul.

Outras pesquisas realizadas com amostras de Florianópolis, contudo, podem lançar luzes sobre o comportamento diferenciado entre as capitais. Senão vejamos: para o fenômeno de monotongação de [ey] e [ay] seguidos por fricativa palato-alveolar, o resultado geral de Cabreira (2000), reunindo as

⁴ Haupt faz referência, nessa passagem, à dissertação de Cabreira, que serviu de base ao trabalho de 2000, por nós referido: *A monotongação dos ditongos orais decrescentes em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre*. Dissertação de Mestrado. PUC/RS, Porto Alegre, 1996.

três capitais, aponta a natureza morfológica do contexto em que se encontra o ditongo – no caso, o radical – como fator linguístico condicionador da monotongação, e o sufixo como fator inibidor. Brescancini (2009), porém, verifica o oposto em amostras de Florianópolis (com a devida ressalva de que a autora só analisou dados com fricativa em coda), ou seja, o contexto estrutural favorecedor da monotongação é justamente a flexão verbal (a despeito do reduzido número de dados encontrados por ela nesse contexto). Isso aponta para o fato de que o padrão estrutural verificado em Florianópolis não acompanha aquele identificado por Cabreira. É sabido, por exemplo, que a palatalização da fricativa em coda silábica só ocorre em Florianópolis, como herança da colonização fortemente açoriana, aparecendo nas outras duas capitais. Ademais, a análise de Haupt (2011) aponta para a produtividade da monotongação de [ey] e [ay], especialmente o último, em sílabas fechadas na amostra de Florianópolis, contrastando significativamente com os resultados apresentados por Cabreira (2000).

Por outro lado, especificidades não estruturais significativas, como os efeitos lexicais, foram identificadas por Brescancini (2009) nas amostras de Florianópolis, além de condicionadores sociais diferentes daqueles encontrados por Cabreira (2000) para a Região Sul. No caso das mulheres florianopolitanas, o peso relativo mais alto associado à monotongação em sílabas fechadas chega a 0,68 entre aquelas que têm nível universitário, o que aponta para ausência de avaliação negativa desse fenômeno. Em contrapartida, os resultados de Cabreira mostram, para a Região Sul, uma tendência de monotongação pelos informantes com nível de escolaridade primário, o que talvez indique um valor de menos prestígio para a monotongação que ocorre, basicamente, em sílabas abertas.

Em resumo: podemos assegurar que (i) sem análises particularizadas por cidade não é possível afirmar com certa segurança se existem ou não padrões sociolinguísticos compartilhados entre os falantes da Região Sul; (ii) há indícios, a partir de análises específicas de amostras de uma das capitais, de que os padrões sociolinguísticos de Florianópolis destoam dos padrões gerais da Região Sul no que diz respeito à monotongação dos ditongos decrescentes [ey] e [ay], provavelmente em decorrência da formação sócio-histórica da Ilha. Com efeito, pronúncias monotongadas em sílabas fechadas (como [seS] para *seis*; [vaS] para *vais*) se constituem em

marcas dialetais típicas do *manezinho da ilha*.⁵

2.2 A alternância de pronomes de segunda pessoa do singular

A alternância dos pronomes *tu/você* implica dois fenômenos correlacionados: a forma de referência à segunda pessoa, envolvendo também o uso de possessivos, e a concordância verbal. Tomaremos, como base para discussão nesta seção, os trabalhos de Loregian (1996) e Loregian-Penkak (2004). Ao final, trataremos rapidamente do uso variável dos possessivos de segunda pessoa *teu/seu* a partir do estudo de Menon (1996) e de Arduin (2005).

Loregian-Penkak (2004) analisa o uso dos pronomes *tu* e *você* e a concordância verbal com o pronome *tu* na fala de informantes do VARSUL de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. Não foram encontradas ocorrências de *tu* nos 24 informantes de Curitiba, o que opõe Curitiba às demais capitais da Região Sul.⁶ A autora levanta dados em todas as cidades gaúchas e catarinenses do VARSUL (num total de oito cidades); para este trabalho, porém, vamos considerar apenas as capitais e o distrito do Ribeirão da Ilha, zona não urbana de Florianópolis (localidade também considerada por Brescancini (2009)).

Uma primeira diferença significativa quanto aos fenômenos variáveis examinados diz respeito à utilização dos pronomes de segunda pessoa pelos informantes. O comportamento dos florianopolitanos e porto-alegrenses é muito parecido: em 24 entrevistas, apenas um entrevistado usa somente *você* em cada capital; 13 e 14 informantes usam somente *tu*; e 10 e 9 alternam os pronomes, respectivamente. Já a situação de Ribeirão da Ilha (uma das mais antigas e tradicionais comunidades da Ilha de Santa Catarina, localizada distante do centro de Florianópolis) é um pouco diferente: a proporção de entrevistados que usam somente *tu* praticamente dobra em relação aos que variam os pronomes.

⁵ *Manezinho* é termo que identifica os moradores nativos da Ilha de Santa Catarina (Florianópolis), de origem açoriana-madeirense.

⁶ Existem poucas ocorrências de *tu* nas entrevistas do interior do Paraná (Pato Branco, Irati e Londrina) que compõem o projeto VARSUL. Para cerca de 2.500 ocorrências de *você*, há apenas 40 de *tu*, todas sem marca de concordância verbal (GODOY, 1999, apud LOREGIAN-PENKAL, 2004, p. 65).

Passemos aos resultados. A tabela 2 exhibe os resultados para as duas primeiras variáveis em discussão nesta seção.

TABELA 2: uso de *tu* vs. *você* e concordância verbal com *tu* (Adaptada de LOREGIAN-PENKAL, 2004, p. 133; p. 167.)

Localidades	Uso de <i>tu</i> vs. <i>você</i>		Concordância verbal com o pronome <i>tu</i>	
	Percentual	PR	Percentual	PR
Florianópolis/SC	76%	0,32	43%	0,85 ^{7a}
Ribeirão da Ilha	96%	0,78	60%	0,91
Porto Alegre/RS	93%	0,61	7%	0,35
Região Sul (sem Curitiba)	87%		40%	

Em relação à variável pronominal, observe-se que Florianópolis é a localidade em que se verifica mais alternância entre os pronomes (76% para *tu* e 24% para *você*), contrastando significativamente com Ribeirão da Ilha e Porto Alegre, onde o percentual de uso de *você* encontrado nas entrevistas é de 4% e 7%, respectivamente. Curiosamente, o distrito interiorano da Ilha aproxima-se mais da capital gaúcha do que da zona urbana da capital catarinense, quanto ao uso variável dos pronomes de P2.

Já quanto à variável concordância, a situação se inverte e o Ribeirão exhibe um comportamento mais próximo ao de Florianópolis, opondo-se, dessa forma, Santa Catarina ao Rio Grande do Sul. Note-se que o percentual de concordância verbal em Porto Alegre é baixíssimo (7%).^{7b}

Loregian-Penkhal (2004) efetuou rodadas estatísticas por cidade ao estudar o comportamento dos indivíduos, incluindo apenas os informantes que fazem uso variável dos dois fenômenos estudados. O quadro 2 mostra os condicionadores linguísticos mais significativos em cada cidade.

^{7a} Os PR da concordância verbal foram retirados de uma rodada que inclui também outras cidades do interior do estado gaúcho (Flores da Cunha, Panambi e São Borja, todas com PR próximos ao de Porto Alegre), em que cada cidade correspondia a um fator da variável geográfica.

^{7b} Nas demais cidades do interior gaúcho que compõem o VARSUL o percentual de concordância é ainda mais baixo, oscilando entre 2% e 5%. Na cidade de Pelotas/RS, na amostra VarX, que inclui também universitários, Amaral (2003) encontrou 7% de concordância com o pronome *tu*.

QUADRO 2: grupos de fatores linguísticos mais significativos para as variáveis de P2 em Florianópolis, Ribeirão da Ilha e Porto Alegre (Organizado a partir de LOREGIAN-PENKAL, 2004, p. 155-156; p. 196-197.)⁸

	Uso de <i>tu</i> vs. <i>você</i>	Concordância verbal com <i>tu</i>
Florianópolis/SC	determinação do referente ('determinado'); explicitação do pronome ('sem pronome'); gênero textual ('argumentativo').	explicitação do pronome ('sem pronome'); tempo verbal ('pretérito perfeito'); determinação do referente ('determinado'); gênero textual ('argumentativo' e 'explicativo').
Ribeirão da Ilha/SC	determinação do referente ('determinado'); gênero textual ('argumentativo').	explicitação do pronome ('sem pronome'); tempo verbal ('pretérito perfeito'); determinação do referente ('determinado'); gênero textual ('explicativo' e 'argumentativo').
Porto Alegre/RS	gênero textual ('argumentativo'); determinação do referente ('determinado').	paralelismo ('casos mistos' e 'verbo isolado'); explicitação do pronome ('sem pronome').

Quanto à variável 'tempo verbal', nota-se que o fator 'pretérito perfeito' aparece como condicionador da concordância verbal com o pronome *tu* em Santa Catarina, tanto para Florianópolis como para o Ribeirão da Ilha. A respeito disso, vale a pena conferir a tabela 3.

TABELA 3: distribuição das formas flexionais do pretérito perfeito associadas ao pronome *tu* (Adaptada de LOREGIAN, 1996, p. 87.)

Localidades	- <i>ste</i>	- <i>sse</i>	Ø
Florianópolis/SC	4%	84%	12%
Ribeirão da Ilha/SC	-	99%	1%
Porto Alegre/RS	7%	9%	84%

⁸ Variáveis sociais e estilísticas também se mostraram significativas para os dois fenômenos em pauta. Tendem a usar o pronome *tu*: em Florianópolis, informantes do sexo feminino e com escolaridade colegial; em Porto Alegre, informantes do sexo masculino e com idade superior a 50 anos. Além desses fatores sociais, em Porto Alegre a variável 'tipo de interlocução' também se revelou significativa para os dois fenômenos estudados: 'discurso relatado de 3ª pessoa' favorece o uso de *tu*, enquanto 'discurso relatado do próprio falante' e 'discurso para o entrevistador' favorecem a concordância verbal.

Algumas tendências em termos de condicionadores linguísticos podem ser notadas:

- em relação ao uso de *tu* e *você*, há uma convergência dos condicionadores linguísticos nas três localidades (Florianópolis, Ribeirão da Ilha e Porto Alegre), evidenciando um mesmo padrão contextual;
- em relação à concordância, a variável ‘explicitação do pronome’ mostrou-se relevante nas três localidades: ausência de pronome leva à flexão verbal canônica e presença de pronome dispensa a flexão;
- ainda em relação à concordância, Ribeirão da Ilha e Florianópolis compartilham o mesmo padrão contextual: verbo no pretérito perfeito, particularmente a forma assimilada *-sse*, condiciona a concordância no Ribeirão da Ilha (praticamente de forma categórica) e também em Florianópolis; referente determinado e gênero textual argumentativo e explicativo também propiciam a concordância nessas duas localidades catarinenses. Por outro lado, em Porto Alegre a variável que se mostrou mais significativa foi o paralelismo.

Esses resultados levam Loregian-Penkak (2004) a corroborar a hipótese de Menon e Loregian-Penkak (2002) de que há diferentes marcas de identidade atreladas ao uso do pronome *tu* e à concordância verbal:

- (i) uso do pronome *tu*, sem flexão verbal de P2 (*tu vai*) – marca de identidade gaúcha e de valores regionais;⁹
- (ii) forma verbal canônica para P2 (*vais*) – marca de identidade do ilhéu, associada fortemente à forma *-sse* (*fosse ~ foste*) no Ribeirão da Ilha (zona não urbana) e em Florianópolis (zona urbana).

Os resultados de Loregian-Penkak (2004) são inequívocos quanto ao fato de que, para além de diferenças na frequência de uso das formas variantes, as duas capitais em foco (Florianópolis e Porto Alegre) exibem padrões sociolinguísticos diferenciados em relação à referência de segunda pessoa e à concordância com o pronome *tu*.

Não obstante as particularidades encontradas entre as localidades, não podemos deixar de ressaltar uma certa generalização de uso. Em Florianópolis e Porto Alegre, os dois pronomes se alternam na referência à segunda pessoa do discurso, diferentemente de Curitiba, em que o uso do pronome *você* é categórico. O gráfico 2 dá luz a esse comportamento.

⁹ Esse uso é evidente não só em Porto Alegre, mas também nas demais cidades gaúchas que integram o VARSUL – Flores da Cunha, Panambi e São Borja –, além de Chapecó, cidade catarinense com forte influência da cultura rio-grandense.

GRÁFICO 2: resultados estatísticos (PR) da alternância entre os pronomes de segunda pessoa do singular em amostras de fala da Região Sul (Adaptado de LOREGIAN-PENKAL, 2004, p. 121; p. 133.)



Ainda no âmbito da segunda pessoa do discurso, é bastante produtiva na Região Sul a alternância entre os pronomes possessivos *teu/sen*. Vamos comentar brevemente alguns resultados de estudos dessa variável, como contraponto à discussão desta seção.

Em um trabalho em que examina dados do VARSUL de Curitiba, Menon (1996) constatou que os curitibanos, embora façam uso categórico de *você*, empregam tanto *sen* como *teu* para se referirem à segunda pessoa, com uma tendência maior de ocorrer a primeira forma possessiva na fala dos mais velhos. A autora verifica que existe uma regularidade no que concerne à escolha de uma forma ou de outra, relacionada com aspectos de familiaridade, respeito e formalidade na relação entre os falantes.

Arduin (2005) estuda a alternância *teu/sen* em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul. No que tange às capitais, encontrou 97% de uso de *teu* em Porto Alegre e 85% em Florianópolis. Além da correlação naturalmente evidenciada com o pronome *tu*, ela também constatou que a variação dos possessivos de segunda pessoa é estilisticamente motivada, sendo o uso de *teu* favorecido em relações assimétricas de superior para inferior e nas relações simétricas entre iguais. Quanto aos fatores sociais, as mulheres e os informantes mais jovens tendem a utilizar a variante *teu*. Diferentemente do que ocorreu nos trabalhos discutidos até aqui, a variável geográfica 'localidade' não foi significativa para esse fenômeno. Arduin conclui que o que rege a variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa são os fatores socioculturais.

Retomemos os resultados de Menon e Arduin para uma melhor visualização, no gráfico 3.

GRÁFICO 3: resultados percentuais da alternância entre os pronomes possessivos *teu/seu* em amostras de fala da Região Sul (Adaptado de ARDUIN, 2005 e MENON, 1996.)



Há nitidamente a mesma curva nas três localidades investigadas. Do ponto de vista da frequência de uso, todas as cidades (incluindo Curitiba) se mostram na mesma direção. As semelhanças verificadas em relação ao uso do possessivo apontam para um uso majoritário do pronome *teu* nas três capitais, independentemente da forma pronominal usada na marcação da segunda pessoa do singular (*tu* ou *você*), e também para um mesmo tipo de efeito contextual. No caso da variação *teu/seu*, portanto, os padrões sociolinguísticos são compartilhados pelas três capitais da Região Sul, diferentemente do que ocorre com a alternância *tu/você* e com a regra de concordância verbal com o pronome *tu*.

2.3 A variação da ordem do sujeito

Para investigar efeitos de variáveis independentes sobre a ordem do sujeito, um fenômeno de natureza sintática, observamos em especial alguns ambientes favorecedores ou inibidores da ordem verbo-sujeito, selecionados pelo pacote estatístico VARBRUL nos trabalhos que tomaremos para discussão.

QUADRO 3: grupos de fatores linguísticos mais significativos para a ordem verbo-sujeito em Florianópolis, Porto Alegre e Curitiba (Organizado a partir de COELHO, 2000, ZILLES, 2000 e BERLINCK, 1988.)¹⁰

Amostra	Grupos de fatores condicionadores da ordem verbo-sujeito
Florianópolis/SC	tipo de verbo ('inacusativo' e 'existencial') traços de definitude e de especificidade ('SN – definido e – específico') forma de realização do SN ('SN pleno') estatuto [+/- pesado] do SN ('SN + pesado') animacidade do SN ('SN – animado')
Porto Alegre/RS	forma de realização do SN ('SN pleno') tipo de verbo ('intransitivo') animacidade do SN ('SN – animado') SN pesado ('+ pesado') status informacional do SN ('primeira menção')
Curitiba/PR	forma de realização do SN ('SN pleno') referência do SN ('+específico com genericidade') animacidade do SN ('SN – animado') status informacional do SN ('SN novo') tipo de verbo ('intransitivo' e 'existencial') tipo de predicador ('processo e estado') concordância verbal ('ausência') estatuto da oração ('subordinada') valor aspectual do enunciado ('resultado/singular/pontual')

Os trabalhos evidenciaram em diferentes amostras que os grupos de fatores extralinguísticos não foram selecionados pelas rodadas estatísticas, atestando que a variação na ordem do sujeito é um fenômeno interno ao sistema linguístico. Em todos os trabalhos, três variáveis idênticas se mostraram significativas: tipo de verbo, forma de realização do SN e animacidade do SN. Discutiremos a seguir cada uma delas; separadamente.

Com relação ao tipo de verbo, nas amostras de Florianópolis, de Porto Alegre e de Curitiba, a ordem verbo-sujeito é circunscrita a verbos de um argumento, os conhecidos monoargumentais. A transitividade do verbo constitui um elemento importante na definição da ordem dentro da sentença. O trabalho de Berlinck (1988) salienta que verbos transitivos mostram-se inibidores da ordem posposta, diferentemente dos

¹⁰ Coelho (2000) e Zilles (2000) utilizam amostras de fala das localidades de Florianópolis e de Porto Alegre, pertencentes ao banco VARSUL. Já Berlinck (1988) utiliza amostras de fala de Curitiba, coletadas especificamente para a sua dissertação de mestrado.

verbos intransitivos existenciais. A peculiaridade de comportamento das construções existenciais, dentre as intransitivas, no entanto, e sua rigidez na ordem verbo-sujeito, um total de 99%, contra 46% de intransitivas não existenciais, já vem estabelecer possíveis diferenças entre os verbos monoargumentais.

Em 2000, Zilles também atesta que a ordem verbo-sujeito é praticamente nula com verbos transitivos e favorecida pelos verbos intransitivos (os monoargumentais, de um modo geral). Coelho (2000) foca sua discussão no estatuto dos verbos monoargumentais por encontrar 100% dos verbos transitivos na ordem sujeito-verbo-objeto (SVO). A autora amplia os contextos sintáticos de investigação dos verbos monoargumentais controlando diferentemente os verbos agentivos (conhecidos na literatura como intransitivos) e os inacusativos (não-agentivos). E separa, ainda, nesses últimos, os que são existenciais dos não existenciais.

Os resultados comparativos desses três trabalhos estão expostos na tabela 4.

TABELA 4: Uso da ordem verbo-sujeito segundo o tipo de verbo (Adaptada de COELHO, 2000, p.142; ZILLES, 2000, p. 84; BERLINCK, 1988, p. 88.)

Localidades	Verbo transitivo		Verbo de ligação		Verbo intransitivo		Verbo inacusativo não existencial		Verbo inacusativo existencial	
	%	PR	%	PR	%	PR	%	PR	%	PR
Florianópolis/SC					01	0,12	39	0,68	95	0,95
Porto Alegre/RS	01	0,35	09	0,57	15	0,86				
Curitiba/PR	03	0,26	23	0,60	46	0,82			99	0,99

GRÁFICO 4: resultados estatísticos (PR) da ordem verbo-sujeito, segundo a variável transitividade do verbo (Adaptado de COELHO, 2000, p.142; ZILLES, 2000, p. 84; BERLINCK, 1988, p. 88.)¹¹



De modo geral, vale ressaltar que os resultados de Zilles (2000) e Berlinck (1988), provenientes de amostras de Porto Alegre e Curitiba, atestam o fato de que as chances de se encontrar ordem posposta do sujeito são remotas em contextos com verbos de mais de um argumento. Uma das justificativas para essa restrição de monoargumentalidade está em Tarallo (1993). O autor afirma que a ordem verbo-sujeito deveria ser bloqueada com verbos transitivos (VSO/VOS), a fim de não permitir a colisão de papéis temáticos atribuídos aos argumentos internos selecionados pelo(s) verbo(s).

Com respeito à monoargumentalidade, os resultados de Coelho (2000) indicam uma simetria entre a ordem dos argumentos dos verbos intransitivos (mais agentivos) e transitivos, de um lado, e entre a ordem dos argumentos dos verbos inacusativos (menos agentivos), sejam existenciais ou não existenciais, de outro. A autora pondera que a possibilidade de posposição, nesse último caso, deve-se ao fato de o argumento de um verbo inacusativo ser interno, comportando-se como um objeto direto (localizado preferencialmente à direita do verbo), diferentemente do argumento de um verbo intransitivo.

¹¹ Nos resultados apresentados no gráfico 4 foram repetidos os valores para verbo intransitivo e inacusativo não existencial das amostras de Porto Alegre e de Curitiba, 0,86 e 0,46, respectivamente, pois Zilles e Berlinck não separam as construções intransitivas não existenciais das inacusativas. Por outro lado, o peso relativo alto encontrado por Zilles para verbos intransitivos (0,86) provavelmente deve-se ao fato de a autora não separar verbos monoargumentais existenciais dos não existenciais, da maneira como Berlinck e Coelho fizeram.

Os resultados do efeito da transitividade do verbo em relação à ordem verbo-sujeito mostram que todas as localidades examinadas apresentam uma taxa de posposição do sujeito com verbos transitivos na casa de 0,20, enquanto contextos com verbos existenciais ficam próximos do 1 (na casa de 0,90). Além disso, verbos de ligação apresentam-se com possibilidades restritas de ordem verbo-sujeito. Os efeitos dos condicionadores e das restrições são bem gerais: a preferência por uma ordem sujeito-verbo-objeto no português da Região Sul. Contextos que se manifestam inequivocamente favoráveis à ordem verbo-sujeito são construções inacusativas, preferencialmente com verbos existenciais.

Observemos, na tabela 5 a seguir, os resultados do efeito de uma outra variável linguística sobre a ordem verbo-sujeito, a forma de realização do SN.

TABELA 5: Uso da ordem verbo-sujeito segundo a forma de realização do SN (Adaptada de COELHO, 2000, p.166; ZILLES, 2000, p. 83; BERLINCK, 1988, p. 72.)

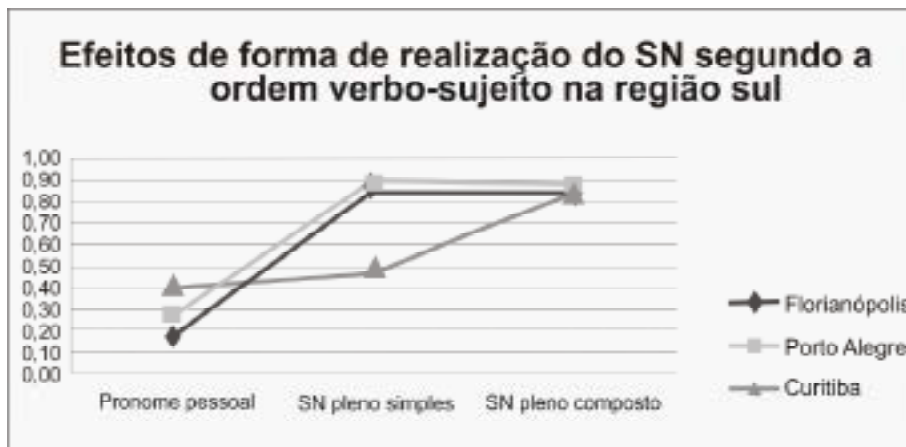
Localidades	Pronome pessoal		Pronome demonstrativo		Pronome indefinido		SN pleno (simples)		SN pleno (composto)	
	%	PR	%	PR	%	PR	%	PR	%	PR
Florianópolis/SC	0,5	0,17	20	0,26	44	0,49	65	0,85		
Porto Alegre/RS	00	0,27	08	0,73	18	0,93	15	0,88		
Curitiba/PR	24	0,41 ^{*2}					47	0,47 ^{*3}	67	0,83

Como se pode observar, os efeitos do contexto pronome pessoal, controlados nas três amostras, apontam para restrições à ordem verbo-sujeito, enquanto o SN pleno (simples ou composto) apresenta-se como contexto favorecedor dessa ordem, como a curva mostrada no gráfico 5 ilustra.

^{*2} Berlinck (1988) não separa pronomes pessoais dos demonstrativos e indefinidos. Esse fato deve contribuir para explicar a pouca diferença entre os sujeitos realizados por pronomes (0,41) e por SNs (0,47) em Curitiba, diferentemente do que os resultados de Porto Alegre e Florianópolis indicam.

^{*3} Berlinck (1988) controla a forma de realização do SN pleno de diferentes modos, a saber: SN pleno simples (0,47), SN + SN (0,83), Quantificador + (det) + (poss) + N + SP (0,39), contextos de SN, Det + N + SN (0,31), N + relativa (0,40), nome próprio (0,17), Det + (poss) + N + SP (0,10). Para efeitos de comparação vão ser expostos apenas os percentuais e os pesos relativos dos dois primeiros contextos.

GRÁFICO 5: resultados estatísticos (PR) da ordem verbo-sujeito, segundo a variável forma de realização do SN (Adaptado de COELHO, 2000, 166; ZILLES, 2000, p. 83; BERLINCK, 1988, p. 72)¹²



O que mostram os resultados? De um lado, em todas as localidades, quando o sujeito está representado por um pronome pessoal (ou demonstrativo), a ordem sujeito-verbo é a preferida. De outro lado, sujeitos representados por sintagmas plenos compostos preferem a ordem verbo-sujeito. No intermédio, aparece o sujeito realizado por SN pleno simples, formado por Determinante + Nome, controlado separadamente por Berlinck (1988). Nas pontas, a curva de favorecimento e de não favorecimento atua na mesma direção em todas as localidades investigadas.

Por último, observamos em cada uma das capitais da Região Sul o efeito do contexto animacidade do SN sobre a ordem verbo-sujeito, conforme pode ser observado nos resultados percentuais e de peso relativo expostos na tabela 6.

¹² Como Coelho (2000) e Zilles (2000) fazem o amálgama das formas de SN pleno simples e de SN composto, preferimos para efeitos de comparação com Berlinck (1988), duplicar os resultados das autoras para SN pleno simples e SN pleno composto.

TABELA 6: Uso da ordem verbo-sujeito segundo o traço de animacidade do SN (Adaptada de COELHO, 2000, p.170; ZILLES, 2000, p. 86; BERLINCK, 1988, p. 83.)

Localidades	SN [+animado]		SN [-animado]	
	%	PR	%	PR
Florianópolis/SC	13	0,46	73	0,58
Porto Alegre/RS	02	0,45	24	0,78
Curitiba/PR	09	0,37	96	0,63

Nas três capitais, os resultados concernentes ao efeito dos traços de animacidade na ordem verbo-sujeito vão em uma mesma direção: SN [+ animado] é um ambiente favorecedor da ordem sujeito-verbo e SN [-animado] é favorecedor na ordem verbo-sujeito. Os resultados podem ser visualizados com mais nitidez no gráfico 6.

GRÁFICO 6: resultados estatísticos (PR) da ordem verbo-sujeito, segundo a variável animacidade do SN (Adaptado de COELHO, 2000, 170; ZILLES, 2000, p. 86; BERLINCK, 1988, p. 83.)



Com impressionante coerência todas as localidades têm efeitos de contexto idênticos: é no ambiente de menos animacidade que a posposição do sujeito se apresenta com uma probabilidade maior de 0,50 de peso relativo.

O tratamento sistemático dos efeitos das restrições na ordem verbo-sujeito sugere uma gramática compartilhada, comum a todas as localidades investigadas. A maioria das restrições discutidas parece ter efeitos bem gerais, extensíveis ao PB. Sumarizando, os trabalhos com amostras das três capitais da Região Sul mostram que o mesmo tipo de efeito de contexto é encontrado preferencialmente na ordem verbo-sujeito, a saber:

- verbos existenciais (e inacusativos não existenciais);
- sujeitos realizados com SN pleno (e composto);
- sujeitos marcados com traço [-animado].

ALGUMAS PALAVRAS FINAIS...

Na busca por padrões regulares de uso que possam ser abstraídos de manifestações linguísticas individuais, encontramos especificidades e regularidades estatísticas na estrutura sociolinguística da Região Sul. Tomando como referência a cidade de Florianópolis, observamos que (i) apresenta características distintas de Porto Alegre e de Curitiba no que se refere à monotongação dos ditongos decrescentes [ay] e [ey]; (ii) se assemelha a Porto Alegre, compartilhando o uso do pronome de segunda pessoa do singular *tu* – em contraste com Curitiba –, embora com características dialetais distintas (o ilhéu tende a marcar a concordância no verbo enquanto o portoalegrense tende à não concordância canônica); e (iii) no nível mais abstrato, quando a variação está no campo da sintaxe (como constatado nos trabalhos sobre a ordem do sujeito), Florianópolis se assemelha às outras duas localidades, partilhando com elas as mesmas restrições contextuais.

Podemos dizer, portanto, que a Região Sul, representada aqui pelas três capitais, por um lado, compartilha um mesmo padrão sociolinguístico no que tange à variação da ordem do sujeito; por outro lado, apresenta especificidades no que se refere aos efeitos de contexto em relação à monotongação do ditongo decrescente e à alternância entre os pronomes de segunda pessoa *tu* e *você*. Retomando a proposta de comunidade de fala de Guy (2001), parece possível dizer que as especificidades linguísticas, que estão atreladas a aspectos regionais e culturais, apontam para comunidades distintas, ao passo que as regularidades indicam que as três localidades devem pertencer a uma comunidade de fala mais geral. As comunidades investigadas estariam, portanto, sobrepostas e cruzadas, como sugere o autor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTENHOFEN, C. V. Áreas linguísticas do português falado no sul do Brasil: um balanço das fotografias geolinguísticas do Alers. In: VANDRESEN, P. (Org.), 2002. p. 115-145.

AMARAL, L. I. C. *A concordância verbal de segunda pessoa do singular em Pelotas e suas implicações linguísticas e sociais*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003. Tese de Doutorado.

ARDUIN, J. *A variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular teu/seu na região sul do Brasil*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2005. Dissertação de Mestrado.

BERLINCK, R. de A. *A ordem V SN no português do Brasil: sincronia e diacronia*. Campinas: UNICAMP, 1988. Dissertação de Mestrado.

BISOL, L.; COLLISCHONONN, G. (Orgs.) *Português do sul do Brasil: variação fonológica*. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2009.

BRESCANCINI, C. A redução de ditongos decrescentes seguidos por fricativa em coda no açoriano-catarinense. In: BISOL, L.; COLLISCHONONN, G. (Orgs.), 2009. p. 34-49.

CABREIRA, S. H. A monotongação dos ditongos orais decrescentes no sul do Brasil. *Organon*, Porto Alegre, v. 14, n. 28/29, 2000.

COELHO, I. L. *A ordem V DP em construções monoargumentais: uma restrição sintático semântica*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2000. Tese de doutorado.

GÖRSKI, E. Fenômenos variáveis na Região Sul do Brasil: aspectos de comportamento sociolinguístico diferenciado entre as três capitais. SEMINÁRIO DO GEL, 59, Bauru/SP, julho de 2011.

GUY, G. A identidade linguística da comunidade de fala: paralelismo interdialeto nos padrões de variação linguística. *Organon*. v. 28/29. Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, 2000.

_____. As comunidades de fala: fronteiras internas e externas. *II Congresso internacional da Abralín*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2001.

HAUPT, C. *O fenômeno da monotongação nos ditongos [ay, ey, oy, uy] na fala dos florianopolitanos: uma abordagem a partir da fonologia de uso e da teoria dos exemplares*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2011. Tese de Doutorado.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LOREGIAN, L. *Concordância verbal com o pronome tu na fala do sul do Brasil*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1996. Dissertação de Mestrado.

LOREGIAN-PENKAL, L. *(Re)análise da referência de segunda pessoa na fala da Região Sul*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2004. Tese de Doutorado.

MENON, O. P. da S. Clíticos e possessivos em Curitiba: implicações para o ensino. *Anais do II Simpósio Nacional do GT de Sociolinguística da ANPOLL*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1996. p. 101-116.

MENON, O. P. da S.; LOREGIAN-PENKAL, L. Variação no indivíduo e na comunidade: tu/você no sul do Brasil. In: VANDRESEN, P. (Org.), 2002. p. 147-188.

MONARETTO, V. N. de O. O apagamento da vibrante pós-vocálica nas capitais do sul do Brasil. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 275-284, março de 2000.

TARALLO, F. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d.aquém-mar e d.além-mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, I; KATO, M. (Orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.

VANDRESEN, P. (Org.). *Varição e mudança no português falado da região sul*. Pelotas, RS: Educat, 2002.

_____. *Varição, mudança e contato linguístico no português da Região Sul*. Pelotas: Educat, 2006.

ZILLES, A. M. S. A posposição do sujeito ao verbo no português falado no Rio Grande do Sul. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 75-95, março de 2000.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].